![e-folio B [NOVO]]()

UC: ***História da Arte Portuguesa II*** – **31029**

**António José Estêvão Cabrita, Nº 1002404 Maio 2012**

Na transição do século XVIII para o século XVIII Portugal viveu uma situação de grande complexidade política, económica e cultural que se inicia com o Terramoto de Lisboa de 1755, onde se instala o Iluminismo de Pombal, e apenas estabiliza, se assim se pode dizer, com a Regeneração (1751), já no Romantismo. Ao longo deste século, foram várias as encruzilhadas por que Portugal atravessou, culminando quase inevitavelmente na Guerra Civil (1828-1834), determinando-se aqui o fim do processo da “passagem do controlo do país pelos «frades» para o dos «barões» ”[[1]](#footnote-1). Todo este acidentado e convulsivo período é acompanhado pelas artes que levam a que as figuras da época, artistas, mecenas e protectores, ora a serem enaltecidas, ora a serem, alternadamente, perseguidas, consoante as causas de que se tornaram adeptas. Com a arquitectura a tomar dianteira, fruto da urgente reconstrução que se exigia, face à destruição causada pelo terramoto, mas rapidamente ultrapassada, esteticamente, pela literatura e pela pintura, influenciadas pelos ventos liberais da Revolução Francesa, onde por um lado se atendia à chamada de novos valores que, virão a tornar o século XIX no *mais longo da nossa história[[2]](#footnote-2)*, mas por outro, se resistia aos cânones barrocos e neoclássicos.

A pintura portuguesa em finais do século XVIII é considerada pobre[[3]](#footnote-3), pelos valores estéticos que ainda aborda, maneiristas, fruto dos mestres bolseiros de D. João V, formados em Itália, que viriam a desaparecer, sobretudo, na década de 80, como são os caso de André Gonçalves (1687-1762), Vieira Lusitano (1699-1783) e de Joaquim Manuel da Rocha (1727-1787), também conhecido como o “Rocha”, futuro mestre de António Domingos de Sequeira (1768-1837) e de Vieira Portuense (1765-1805). Sobressai, neste período Pedro Alexandrino de Carvalho (1730-1810), de sentido italianizante, com a obra “O Salvador do Mundo”[[4]](#footnote-4). Como dizíamos, não apenas os mestres desapareceram como não existiam escolas, ou as que existiam não possuíam (ainda) grande significado, resumia-se então o ensino à formação obtida durante a construção dos palácios de Mafra e da Ajuda e pelas viagens de alguns ao estrangeiro, nomeadamente a Roma, o que fez prolongar ainda mais o discurso estético existente.

Na geração seguinte surgem dois pintores que se destacam dos demais, não apenas por maior destreza que aqueles mas também pela sensibilidade e forma inovadora com que, ao longo da sua vida, vão introduzindo nos seus trabalhos novas abordagens, distanciando-se sucessivamente dos demais, apesar da sua formação essencialmente italiana, neoclássica. Falamos de Vieira Portuense e de Domingos Sequeira. Ambos frequentaram a escola de desenho do Rocha e ambos receberam formação em Itália e viajaram pela Europa, embora por percursos e locais diferentes, pelo que, também aqui, surgem diferenças na formação recebida.

O primeiro malogradamente falecido, não chega a afirmar-se no estilo que o sucede, o romantismo, mas evolui o suficiente para deixar claro que viria a ser essa a sua visão artística. Assim demonstram as suas obras *Leda e o Cisne[[5]](#footnote-5)* (1798) e *D. Filipa de Vilhena armando seus filhos cavaleiros[[6]](#footnote-6)* (1801), onde o movimento e as posturas rompem já com regras clássicas, atribuindo-lhes uma maior dramatização ou, no caso primeiro, onde são os elementos da natureza que mais se destacam, submetendo toda a cena, nas duas obras, a uma luz incisiva.

Sequeira, de maior longevidade e, consequentemente mais atribulada, a par das circunstâncias políticas do país, onde se vê ligado às tropas invasoras de Napoleão e que depois toma partido pelas causas liberais, assim se manifesta em várias obras no seu longo percurso, onde apresenta já na fase final da sua vida obras românticas como a *Adoração dos Magos[[7]](#footnote-7)* (1828) e a *Morte de Camões*[[8]](#footnote-8) (1824) que surge em simultâneo com o poema *Camões* de Almeida Garrett, também exilado em Paris - desconhecedores da obra um do outro -, unem a pintura e a poesia, sobre o mesmo tema, no que são as primeiras manifestações românticas na história da arte portuguesa, de resto, da mesma forma com que o salão de Paris fica conhecido para a *história da arte ocidental como berço do romantismo*[[9]](#footnote-9)*.*

Entretanto várias academias, escolas e aulas[[10]](#footnote-10) foram criadas a partir de finais de setecentos mas só em 1836, após o Setembrismo, as Academias de Belas-Artes em Lisboa e de seguida no Porto, veriam a luz do dia, após longos anos de debates, avanços e recuos, tal como o resto do país, com a violentas alternâncias entre absolutistas e liberais. Porém, cedo se veriam as Academias envoltas em várias problemáticas orçamentais com falta de professores de qualidade e falta de materiais fundamentais, ao ponto dos estudantes fazerem uma greve em 44, situação que se prolongaria até 62, onde é instituída reforma do ensino das Artes.

Não obstante a paralisia que se verifica em todo o país, fruto da ocupação napoleónica, da regência de Beresford, das Guerras Liberais, a quase paralisia das Academias com a exiguidade orçamental, estas últimas através das regulamentadas exposições trienais, ainda que não cumpridas, em Lisboa, na sua totalidade, dão a conhecer alguns nomes como os do Mestre António Manuel Fonseca (1793-1890) com *Eneias Salvando Seu Pai* de 43, obra ainda neoclássica rejeitada[[11]](#footnote-11) pelos da geração romântica que se anunciava, dado o anacronismo; Tomás da Anunciação (1818-1859), com a *Vista da Penha de França* de 1852 e *O Vitelo* de 73; Cristino da Silva (1829-1877) com *Cinco artistas em Sintra* de 55 e a *Passagem do gado* de 67; Luís Pereira de Menezes (1817-1878) com o *Retrato da Viscondessa de Meneses* de 62; Francisco Matress (1825-1861) com *Camões na gruta de Macau* e *Só Deus* de 53 e 56 respectivamente e, entre uns poucos mais, *Silva Porto* (1850-1893) com a Ceifa de 84. Todos eles com formação no estrangeiro, apesar de alguns terem frequentado a Academia de Belas-Artes de Lisboa, devido à fraca educação ali ministrada.

Esperava-se então, em finais de 79, o regresso de Paris dos bolseiros para ali idos, por forma a preencher o grande vazio deixado pela recente morte da maioria dos pintores mais significativos. Seria o “fim da «Parvónia», à volta da qual Junqueiro propusera uma viagem teatral, em 79, que a polícia proibiu”[[12]](#footnote-12), tal como proibiu as Conferências do Casino.

Constata-se assim, a forma quase que leviana, no desinteresse e abandono a que foram deixadas as Artes que, perdurou por mais de um século, sendo as reformas entretanto pensadas e algumas levadas a cabo, mais não foram que tentativas de “trazer até nós o passado de outras nações”[[13]](#footnote-13).

**Bibliografia**

FRANÇA, José-Augusto - *A ARTE EM PORTUGAL NO SÉCULO XIX*. 3ª ed. Lisboa: BERTRAND, 1990. vol. 1

FRANÇA, José-Augusto -. *HISTÓRIA DA ARTE EM PORTUGAL: O POMBALISMO E O ROMANTISMO*. Lisboa: Editorial Presença, 2004.

PEREIRA, Fernando António Baptista. *HISTÓRIA DA ARTE PORTUGUESA: época moderna (1500-1800)*. Lisboa: Universidade aberta, 1992.

PEREIRA, Paulo. *ARTE PORTUGUESA: HISTÓRIA ESSENCIAL*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2011.

REAL, Miguel. *INTRODUÇÃO À CULTURA PORTUGUESA*. Lisboa: Planeta, 2011.

**Webgrafia**

FRANÇA, José-Augusto - *Os dois Quadros de Garrett*. Camões: Revista de Letras e Culturas Lusófonas. [Em Linha]. Nº 4. (Janeiro-Março de 1999). [Consult. 26-05-2012], Disponível em <http://www.instituto-camoes.pt/revista/doisquadros.htm>

Universidade de Coimbra [Em linha]. [Consult. 26-05-2012]. Disponível em <http://www.ci.uc.pt/artes/6spp/imagens/portuense_vilhena1.jpg>

Universidade de Coimbra [Em linha]. *D. Filipa de Vilhena Armando seus Filhos Cavaleiros*. [Consult. 26-05-2012]. Disponível em <http://www.ci.uc.pt/artes/6spp/imagens/portuense_vilhena1.jpg>

Universidade do Porto [Em linha] *Antecedentes da Universidade do Porto*. [Consult. 26-05-2012]. Disponível em <https://sigarra.up.pt/up/web_base.gera_pagina?p_pagina=122251>

Visual Arts, Portugal [Em linha]. [Consult. 26-05-2012]. Disponível em <http://www.visualartsportugal.com/>

**Comentários do Teacher**

|  |  |
| --- | --- |
| Imagem de Alexandra Gago da Câmara | **Alexandra Gago da Câmara**Sexta, 8 Junho 2012, 14:37 |
|  | **Nota: 3,00 / 4,00**Trabalho que apresenta estudo. Cumpriu os objectivos propostos. |

1. Fim do antigo regime absolutista e início do regime liberal. (REAL, 2011: 250) [↑](#footnote-ref-1)
2. O peso da tradição, o conservadorismo e os atrasos na industrialização e na educação, prolongam-se muito para além da definição do fim de século (1901). (PEREIRA, 2011: 781) [↑](#footnote-ref-2)
3. FRANÇA, 1990: 127 [↑](#footnote-ref-3)
4. Imagem disponível em *Visual Arts, Portugal* em <http://www.visualartsportugal.com/pintura-portuguesa/seculo-xviii/pedro-alexandrino-de-carvalho> [↑](#footnote-ref-4)
5. Imagem disponível em *Visual Arts, Portugal em* [*http://www.visualartsportugal.com/pintura-portuguesa/seculo-xviii/vieira-portuense*](http://www.visualartsportugal.com/pintura-portuguesa/seculo-xviii/vieira-portuense) [↑](#footnote-ref-5)
6. Imagem disponível em Universidade de Coimbra em <http://www.ci.uc.pt/artes/6spp/imagens/portuense_vilhena1.jpg> [↑](#footnote-ref-6)
7. Imagem disponível em *Visual Arts, Portugal* em <http://www.visualartsportugal.com/pintura-portuguesa/seculo-xix/domingos-antonio-de-sequeira>. [↑](#footnote-ref-7)
8. Obra exposta no salão de paris de 1824, premiada com uma das cem medalhas de ouro, entre 2400 outras obras, entretanto desaparecida (FRANÇA, 2004: 159). gravura disponível em <http://www.instituto-camoes.pt/revista/doisquadros.htm> [↑](#footnote-ref-8)
9. FRANÇA, 2004: 78 [↑](#footnote-ref-9)
10. Aula de desenho pela Companhia das Vinhas (Porto) em 1779, de que Vieira e Sequeira vêm a ser directores; Academia de Nus (Lisboa) e a Aula de Desenho da Casa Pia em 1780, entre outros (FRANÇA, 2004: 59-61); [↑](#footnote-ref-10)
11. Excluída pelo júri de selecção para a Exposição Internacional de Paris em 1855 (FRANÇA, 2004: 85) [↑](#footnote-ref-11)
12. FRANÇA, 1990: 463 [↑](#footnote-ref-12)
13. Idem, 467 [↑](#footnote-ref-13)